

# REBES REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE



GVA - GRUPO VERDE DE AGROECOLOGIA E ABELHAS - POMBAL - PB  
REVISÃO DE LITERATURA

## Vendo a banda passar: As bandas de música na cidade de Patos, Estado da Paraíba

*José Elton Araújo dos Santos*

Licenciado em História pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP)

Email: eltonleite02@hotmail.com

*Rosemary Ramos Rodrigues*

Graduada em História pela UFCG, mestre em Educação pela UFPB. Docente das Faculdades

Integradas de Patos (FIP) e do Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Email: rosemary.rodrigues@ifpb.edu.br

**Resumo:** Uma cidade não é formada apenas pela multiplicidade de seres. Ela é formada por uma infinidade de culturas, nas quais delimitar até que ponto cada uma interfere na outra é um ato um tanto complicado. Assim, compreendendo a cidade como um 'caldeirão' de culturas, entende-se que ao mesmo tempo em que a urbe é formada por essa diversidade, ela ajuda a formar novas culturas quando promove uma dialética entre elas. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo promover um resgate a cerca das bandas de músicas da cidade de Patos, Estado da Paraíba, principalmente, ao longo das décadas de 1920 a 1950, mostrando também a contribuição desses segmentos à cultura local.

Palavras-Chave: Bandas de Música. Resgate Cultural. Sertão Paraibano.

### *Seeing the band pass: The bands in the city of Patos, State of Paraíba*

**Abstract:** A city is not only formed by the multiplicity of beings. It consists of a multitude of cultures, in which delimit the extent to which each affects the other is an act somewhat complicated. Accordingly, comprising the city as a 'pot' of cultures, it is understood that while the metropolis is formed by such diversity, it helps to form new cultures when promotes a dialectic between them. In this sense, the present article aims to promote a ransom about the bands songs from Patos city, Paraíba State, mainly over the decades from 1920 to 1950, showing that the contribution of these segments to the local culture.

**Keywords:** Music Bands. Cultural rescue. Backlands of Paraíba.

## 1 Introdução

Fruto do dinamismo social, as bandas de música, ou filarmônicas, aos poucos vão se incorporando ao cotidiano das cidades, interpretando o dia-a-dia dessas e a partir daí passam a promoverem novas oportunidades e sensibilidades.

Nesse sentido, é interessante perceber que, sendo composta por membros de uma urbe, participando dos eventos 'marcantes' e vivendo o cotidiano e as transformações das cidades, e mais, penetrando nas esferas do privado e do público, do sagrado e do profano, as bandas se tornam uma importante ferramenta de estudo para aqueles que desejam analisar a dinâmica de uma cidade.

Assim, esta pesquisa tem como propósito analisar, a partir do envolvimento de suas bandas, o cotidiano da cidade de Patos-PB e suas possíveis transformações, tendo como recorte temporal o espaço compreendido entre as décadas de 1920 a 1950.

## 2 Revisão de Literatura

### 2.1 As bandas de música em Patos-PB: Surgimento e mudanças ocorridas

Datar o surgimento das bandas de música na cidade de Patos é bastante complicado. Primeiro, pelo fato da música, de maneira geral, se fazer presente nessa sociedade, já no início do século XIX. Depois, pela ausência e escassez de relatos literários, registros fotográficos, relatos orais e até mesmo de trabalhos acadêmicos, que muito dificultam o trabalho de pesquisa.

Mas, como o recorte temporal trabalhado é o intervalo compreendido entre as décadas de 20 a 50 do século XX, já se percebe que neste momento, até mesmo um pouco antes, na década de 1910, existia a presença sempre marcante de bandas de música no cotidiano patoense.

Ao assumir tal afirmação, recorre-se ao pesquisador Sousa (2001, p. 8)<sup>1</sup>, que dentre vários trabalhos publicados sobre a cidade de Patos, esse dedicou um sobre a 'Banda de Música 26 de Julho', que para justificar as transformações ocorridas no cenário das bandas de música aponta que "a primeira que se tem notícia data do início do século e tinha como maestro Juca Trindade"<sup>2</sup>.

Nesse sentido, para comprovar ainda mais a escassez de fontes, pode-se indicar até mesmo a ausência do nome da banda, que passa a ser identificada pelo seu maestro, que era uma figura conhecida no início do século XX pela cidade. Mas, que não deixa de ser considerada, pois até mesmo músicos veteranos<sup>3</sup>, boa parte deles atualmente aposentados e com mais de 65 anos de idade, ouviram falar quando na ativa da banda 26 de julho por outros músicos mais idosos, dessa formação. Essa acabou durando pouco tempo, pois além da escassez de instrumentista de sopro<sup>4</sup> na cidade, que não dispunha de um centro de formação musical, os que existiam desempenhavam outras atividades no dia-a-dia, e os poucos de que contavam acabaram ingressando em outras formações musicais da cidade.

Em seguida, Sousa (2001, p. 8) indica como a sucessora da banda de Juca Trindade, a banda de nome Epitácio Pessoa<sup>5</sup>, que pertencia ao então chefe político da região das Espinharas - o Major Miguel Sátiro, e que:

Seu orientador era João Norberto, que contava com os seguintes músicos: Pedro de Sousa, Chiquinho Fenelon, Basto Queiroz, Benvenuto do Bombo, Braz Guilherme, Noé Trajano, Maciel Nóbrega, Mizael de Sousa, José Florentino Júnior e Maneco Duêlico.

Pelo que se pode perceber, até mesmo através de jornais como 'jornal do Sertão'<sup>6</sup> que sempre trazia notícias desta banda, ao contrário da Banda de Juca Trindade, desta já se tem um pouco mais de informações e materiais. Situação que pode ser entendida, talvez, pela ligação desta Banda com a figura do líder Miguel Sátiro.

<sup>1</sup> José Romildo de Sousa, pelo que foi consultado, é o único Historiador que disserta sobre as bandas de música patoense, principalmente a 'Filarmônica 26 de Julho'.

<sup>2</sup> O século apontado por Romildo de Sousa é o XX.

<sup>3</sup> Como exemplo, pode-se citar o músico João Nepomuceno de Lucena (João de Cruz), que na atualidade é o músico de mais idade e que participou da banda 26 de julho entre os anos de 1934 e 1936.

<sup>4</sup> Músicos que executam instrumentos de sopro, como clarinetes, trombones, trompetes, o que contribuía para essa escassez a dificuldade em se adquirir esse material.

<sup>5</sup> O livro 'História de Patos' (MEDEIROS et al., 1985), cita essa banda no ano de 1916 quando o Jornal do Sertão trazia como notícia a morte do músico Orestes Lima, onde se pode perceber que nesse ano esta agremiação musical já se fazia presente no cotidiano patoense.

<sup>6</sup> Conforme o livro 'Cronologia' (FUNES, 2008, p. 5), "em 30 de abril circulou o primeiro número do Jornal do sertão, que tinha como diretor político Cel. Miguel Satyro".

Já no ano de 1914, de acordo com uma publicação da FUNES (2008, p. 4), esta data é apontada como um momento de participação da 'Banda Epitácio Pessoa' nas celebrações patoense em louvor da Proclamação da República. Querendo fazer daquela data um meio de promover Epitácio Pessoa, a banda organiza uma sessão cívica na sala do Conselho Municipal.

A mesma obra, ainda cita outra participação da Epitácio Pessoa, desta vez no ano de 1915. Vivendo a Paraíba o rompimento político entre Epitácio e o Monsenhor Walfredo Leal, Miguel Sátiro que apoiou a corrente epitacista e garante na cidade de Patos um bom número de votos para aquele líder, utiliza sua banda na campanha, quer seja quando executa o 'Bombardeiro da Bahia' ou o dobrado 'Epitácio Pessoa', que contribuam para a animação da campanha (WANDERLEY, 1994).

Sousa (2001) aponta ainda que a 'Epitácio' tinha como sua contemporânea a 'Banda de seu Chiquinho Wanderley intitulada de 'Monsenhor Walfredo Leal'<sup>7</sup>.

A referida banda, que surgiu com outro nome, em 10 de novembro de 1914, é descrita por Fernandes (2003, p. 160-161) da seguinte forma:

[...] É inaugurada a banda de música 'Filarmônica Patoense', com entrega dos instrumentos aos seus integrantes, feita na residência do major Francisco Wanderley, contando com a presença de seus amigos e correligionários políticos. A nova banda atuará sob regência do maestro José Mariano.

É a partir daí, que as bandas vão assumir outro papel, não se resumindo apenas ao caráter musical, mas também o de representar suas lideranças políticas nas solenidades que participavam. Seria uma forma de mostrar para cidade o poder e a influência do grupo político ao qual estava ligada esta banda.

Por exemplo, a 'Banda Epitácio Pessoa', que por pertencer ao 'major' Miguel Sátiro, fazia de suas apresentações uma oportunidade de promoção tanto do líder patoense como de seu grupo. Ela recebia esse nome devido a inclinação política de seu organizador pelo renomado líder político Epitácio Pessoa, após o rompimento deste último com o Monsenhor Walfredo Leal (MEDEIROS et al., 1985).

O mesmo ocorre com a 'Banda Monsenhor Walfredo Leal', que sendo os 'Wanderley', adversários políticos dos 'Sátiro', também a usava para a promoção de seu grupo, ofertando a banda para solenidades e festividades de seus correligionários e simpatizantes.

É interessante perceber que, vivendo o país o coronelismo e a 'política dos governadores' e que estas se caracterizavam principalmente pelo somatório de forças locais, estaduais para fortalecer o governo central, estas duas bandas ajudam a entender um pouco desse momento.

<sup>7</sup> Esta banda surgiu com o nome de Filarmônica Patoense, e depois do rompimento entre Epitácio e Monsenhor Walfredo Leal, seu proprietário que não era o maestro, resolveu homenagear o referido sacerdote, ao qual, tinha forte ligação política. Também seria uma forma de demonstrar força política local, principalmente, diante de Miguel Sátiro que também tinha a sua banda.

Após a cisão ocorrida entre o grupo comandado por Epitácio Pessoa, que em Patos era apoiado pelos Sátyro, e o grupo liderado pelo Monsenhor Walfredo Leal, que tinha como simpatizantes os 'Wanderley' na pessoa de seu 'Chiquinho', que será apoiado posteriormente por José Américo de Almeida, terão suas representações locais bem articuladas, pois até mesmo as bandas de música que existiam e estavam ligadas a esses grupos, atuavam pela causa política (FERNANDES, 2003).

Ilustração 1 - 'Banda Epitácio Pessoa', no ano de 1917, que sentado no centro está o Coronel Miguel Satyro, seu proprietário.



Fonte: Arquivo pessoal (2012).

Seguindo a linha do tempo, a próxima banda que se tem notícia é a 'Banda do 2º Batalhão de Polícia Militar', no ano de 1926, quando da instalação dessa unidade policial na cidade de Patos. Esta, por pertencer ao militarismo e ao Estado, teve um pouco de sua história preservada pelos relatos e documentos, que apontam como comandante da mesma o Sargento Ribeiro, que era ainda auxiliado pelo corneteiro Mané dos Santos.

Ainda podem ser citadas duas outras bandas, a 'Santa Cecília', que era comandada pelo senhor João Norberto<sup>8</sup> e seu nome era uma homenagem a padroeira dos músicos, e a 'Comercial', do maestro José Mariano, que também fizeram parte do cenário musical da cidade de Patos e que se rivalizavam pela melhor performance e pelos aplausos do público patoense. Esta última, provavelmente recebeu este nome por ser formada por elementos oriundos do comércio, pois como as bandas não assalariavam seus músicos, estes teriam que desempenhar outras funções, ficando a Música como uma espécie de 'lazer'<sup>9</sup>.

De uma maneira geral, essas bandas eram mantidas pelo esforço de seus membros ou de seus proprietários, que seja com o intuito de se confraternizar através da música ou porque via na banda uma possibilidade de autopromoção, se encarregavam das despesas e as mantinham em cena. Uma situação que nem sempre era fácil, pois sendo estas bandas compostas pelos

mais variados tipos humanos, dos mais diferentes grupos sociais, e sabendo que a cidade inicialmente não dispunha de recursos que as incentivava financeiramente, que somando ainda com o alto custo tanto dos instrumentos musicais, que além de caros eram importados dos grandes centros urbanos brasileiros, como das partituras e vestimentas, essas acabavam se desfazendo devido a sua onerosidade. Caso que não pode ser incluída a 'Banda do 2º Batalhão de Polícia', pois pertencia ao Estado, e as bandas ligadas a grupos políticos, que mesmo não dispondo de grandes reservas, podiam contar com certa ajuda financeira.

Outro fator curioso, é que as atividades dessas bandas estavam diretamente ligadas a inaugurações, celebrações religiosas, sepultamentos, saraus e encontros diurnos, que basicamente compunham a sociabilidade da 'Capital das Espinharas'<sup>10</sup>.

Ainda sobre os lazeres dos 'Patinhos de Majó Migué'<sup>11</sup>, Medeiros et al. (1985, p. 99) afirmam que na sociedade de Patos, "seus hábitos, sua mentalidade, suas atividades sociais, enfim, tudo confere características próprias, estiveram, na origem, ligadas à Igreja".

Logo, à medida que Patos vai se modificando, tanto na sua logística como até mesmo na forma de sociabilizar, é que a participação das bandas também mudarão. Nesses momentos, essa presença terá um objetivo bem definido, por exemplo: somente quando a cidade passa a dispor de iluminação elétrica, através da instalação do 'motor da luz', no ano de 1921, é que esta prática pôde ser estendida, ficando a banda encarregada de alterar os ânimos dos ouvintes, seja para fazê-los dançar, flertar ou sonhar. Assim o que fica claro é que, dentro das possibilidades da cidade, a banda vai montando sua atuação e ao mesmo tempo reinventando novas<sup>12</sup>.

É o que Certeau (2007), chama de astúcia, que seria uma tática para os fracos sempre estarem em evidência<sup>13</sup>. É o caráter dinâmico das bandas, mostrando cada vez mais seu engajamento com a cidade e sua capacidade de lidar com as novidades.

Assim, desde as datas que se começam a citar como pontos de referências para indicar as presenças dessas agremiações musicais na cidade de Patos, vai-se aos poucos entendendo sua área de atuação, sua composição e um pouco do momento em que viviam. Estas participavam do cotidiano, seja quando se faziam presentes nos eventos e encontros sociais, ou ainda por

<sup>10</sup> Recebe esse nome por está localizada na área geográfica do Vale das Espinharas.

<sup>11</sup> Mais uma denominação utilizada para se referir à cidade de Patos, devido a forte influência política do senhor Sátyro.

<sup>12</sup> É a partir do surgimento do coreto, por exemplo, e inspirado em outros centros, nos quais a prática de se encontrar neste local para ouvir música ou se sociabilizar, que em Patos tal ação vai se tornar possível e exemplo de modernidade e civilidade.

<sup>13</sup> Ao usar a expressão 'fraco' não se pretende apontar as bandas de música como tal, mas apontá-las como estas foram astutas ao inventar formas, ganhar espaços e não perder os que já tinham perante os fortes, que eram as novidades que muito vinham seduzindo as cidades.

<sup>8</sup> Norberto que era o mesmo que comandava a Epitácio Pessoa, deixando-a após a sua inatividade.

<sup>9</sup> Geralmente apenas os maestros recebiam algum tipo de incentivo devido sua posição dentro do grupo musical.

serem compostas por uma pluralidade de seres os quais estes traziam para as bandas o que estava acontecendo na cidade, ofertava seus acordes e também recebiam desta a influência do seu cotidiano.

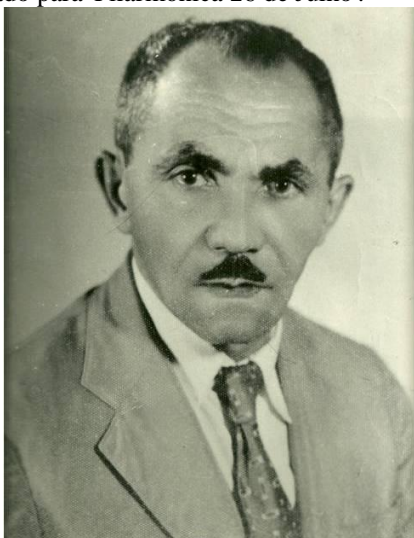
Pelo exposto, pode-se entender o quanto é valioso o estudo destas bandas para se ter uma pequena mostra da vivência do povo patoense entre as décadas de 1920 e 1950, que estando estas envolvidas na dinâmica local, podem auxiliar nessa busca para compreender tanto a cidade como sua gente.

## 2.2 Surge a 'Furiosa'

Apelidada carinhosamente pelo maestro e professor Valdemir Saraiva<sup>14</sup>, de 'Furiosa', a 'Filarmônica 26 de Julho', recebeu este pseudônimo pela sua bravura e resistência, que utilizando de astúcias<sup>15</sup> e de expedientes próprios teria surgido ainda na década de 1920 e permanece na ativa até os dias atuais. Fato que mostra o quanto essa banda vai se articulando, acompanhando as mudanças que ocorria na cidade e fazendo delas uma oportunidade tanto de mostrar sua desenvoltura musical como de alterar os estados de consciência daqueles que a escutavam. Cedo, a referida banda também passou a compor o cotidiano da urbe sertaneja, sendo frequentemente associada a inaugurações, celebrações e festejos na capital do sertão paraibano.

Contudo, para que tal história fosse possível não se pode negar a importância e colaboração de uma figura: o professor e maestro Anésio Leão. Este, que apesar de não ser patoense, muito contribuiu para a cidade, seja com a fundação de mais uma banda de música, ou seja, pela sua colaboração como empresário e professor.

Ilustração 2 - Anésio Leão, fundador da 'Banda do Instituto São José' e que posteriormente teve seu nome modificado para 'Filarmônica 26 de Julho'.



Fonte: Arquivo pessoal (2012).

<sup>14</sup> Saraiva é o apelido do senhor Valdemir Campos Quirino, que recebeu esse pela sua performance que era comparada ao saxofonista Saraiva, e que aquele não foi contemporâneo das primeiras formações das bandas de música em Patos.

<sup>15</sup> No sentido utilizado por Michel de Certeau.

Conforme afirma Sousa (2001, p. 10), "na segunda metade da década de 20, chegava a Patos, proveniente de Campina Grande, o professor e músico Anésio Leão [...]", que com o objetivo de fundar um empreendimento educacional, fixa residência na cidade de Patos. Logo, uma vez concretizado o desejo, nomeia esse estabelecimento de 'Instituto São José'<sup>16</sup>.

Como forma de dar mais notoriedade a sua escola e de contribuir para a sociabilidade da cidade, Anésio cria nesta unidade educacional uma banda de música, que por pertencer ao Instituto logo passou a chamada de 'Banda do Instituto São José' e que teve como seu primeiro maestro o próprio Anésio.

A partir daí que a cidade passa a dispor de mais uma banda, que mesmo não sendo comprovada a inclinação política de seu criador, acredita-se que esta banda era a 'opção neutra'<sup>17</sup> da cidade. E mesmo pela falta de artefatos, pelos quais não foi possível conhecer se suas antecessoras acabaram ou se continuaram na atividade, a 'Banda do Instituto' teve a participação de músicos que não pertenciam à escola e que participaram de outras formações, como por exemplo, Noé Trajano que pertenceu a 'Banda Epitácio Pessoa', deixando a dúvida se esta formação era mesmo uma opção 'independente' do jogo político local ou se esses músicos a escolhem pelo fim das atividades de suas bandas de origem ou por trazer algum benefício ou um outro fator de vantagem.

Assim, por está ligada ao educandário do professor Anésio, a referida Banda também vai se incorporando a sociabilidade patoense, não se resumindo apenas as atividades da escola. Mesmo esta estando sob o poder da escola e contribuindo para os lazeres da urbe, a banda começa a passar por dificuldades. É a questão financeira, que agora se apresenta para a 'Banda do Instituto' e que para manter suas atividades, adquirir instrumentos musicais e demais materiais, precisa de recursos para garantir sua permanência.

Nesse período, década de 1930, o Brasil vivia um momento conturbado da política nacional, uma vez que, querendo romper com a política do 'café com leite', grupos que não aceitavam o revezamento no poder de paulistas e mineiros, oferecem ao país uma outra opção política (SKIDMORE, 2010).

A nova 'chapa' era composta pelo senhor Getúlio Vargas como candidato a presidente e como vice, esta tinha ainda o paraibano João Pessoa, sobrinho do ex-presidente Epitácio Pessoa.

Vargas, que era gaúcho, dá esse passo quando nega apoio a candidatura de Julio Prestes e resolve somar forças com lideranças do pequeno estado da Paraíba, mas que possuía forte influência política devido à figura de Epitácio. É o famoso 'NEGO', que, inclusive, passará a compor a bandeira do estado da Paraíba como forma de

<sup>16</sup> Não deve ser confundido com o 'Instituto São José das Irmãs Josefinas', pois este teve sua origem posteriormente.

<sup>17</sup> Não se pretende aqui delimitar nenhum pensamento de cunho maniqueísta, mas como o idealizador da banda não era natural da cidade, o que não impede de simpatizar com alguma corrente política da região, acredita-se na "imparcialidade" dessa formação por pertencer ao estabelecimento educacional e empresarial do maestro.

homenagear seu ilustre filho, João Pessoa, que 'se douu' pela mudança do país (MELLO, 1995).

Resultando no conhecido episódio de 1930, ou como queiram alguns na 'Revolução de 30', as disputas pelo poder se aquecem ainda quando da morte<sup>18</sup> do vice na chapa de Vargas, o paraibano João Pessoa pelo teixeirense João Dantas no dia 26 de julho do ano 1930. A partir daí, a morte de João Pessoa é utilizada por Vargas que consegue chegar ao poder, insuflando a população, que em muitos casos nem entendia a natureza do debate (SKIDMORE, 2010).

Mas, por se tratar de um paraibano e até mesmo pela influência que tinha Eptácio Pessoa, o estado da Paraíba, tratará João Pessoa como um 'mártir', e que devido seu ato de ousadia e 'heroísmo' emprestará seu nome a capital do estado. Aos poucos, a população vai se acostumando com a ideia de 'Revolução'.

Como existia uma reciprocidade política, obrigando estas forças a estarem cada vez mais unidas, o caso de João Pessoa será utilizado pelos seus correligionários locais, que na busca de enaltecer o envolvimento deste 'mártir na mudança dos quadros políticos do Brasil, dará seu nome a edifícios, escolas, ruas e a uma série de coisas, que antes de tudo buscavam engrandecer tanto a ação do ilustre filho como demonstrar apoio aos vitoriosos (MELLO, 1995). E é aí que a Banda do Instituto entra em cena.

Passando por dificuldades financeiras e tendo até mesmo a possibilidade do encerramento de suas atividades, a 'Banda do Instituto São José' verá em João Pessoa a resolução de uma parte dos problemas, que era a sua manutenção.

Nesse sentido, destaca Sousa (2001, p. 10) que:

Como o custo financeiro deste empreendimento era muito alto para o Instituto continuar bancando e, sendo procurado pelo Prefeito Adelgício Olinto de Mello e Silva após a morte de João Pessoa (26.07.1930), que dizia querer homenagear o ilustre paraibano assassinado, Anésio concordou em mudar o nome da 'Banda do Instituto' para 'Filarmônica Municipal 26 de Julho', continuar como maestro e a edilidade patoense, a partir daquele momento, assumir em definitivo as despesas com o fardamento e aquisição de instrumentos.

Com a mudança do nome, que não ocorre no ano da morte de João Pessoa e sim um ano depois, a agora 'Filarmônica 26 de Julho'<sup>19</sup> deixa de pertencer ao Instituto e passa a tutela do município, que passa se encarregar de sua manutenção. Assim, a banda que era 'independente', passa a ser de domínio público, se aproveitando da situação e garantindo sua permanência no cenário cultural da região das Espinharas.

Porém, uma vez resolvida à questão do fardamento e da aquisição dos instrumentos, faltava ainda

à parte financeira dos músicos, que não tinha uma remuneração formal. O que não impede de dizer que estes instrumentistas não recebiam incentivos financeiros para continuar tocando, uma vez que nas festas de padroeiras, campanhas eleitorais e outros festejos estes acabavam sendo gratificados.

Somente dezesseis anos mais tarde é que a questão supramencionada é resolvida, pois como afirma Sousa (2001, p. 11), "quanto ao projeto destinado à subvenção para o pagamento dos componentes da banda de Música, somente foi aprovado no ano de 1947, dentro do governo do prefeito Milton Gomes Vieira".

Portanto, é graças ao seu dinamismo ou 'astúcia', que a existência e permanência da 'Filarmônica 26 de Julho, antes 'Banda do Instituto São José', se dará. Situação que não ocorre de imediato, mas que a cada dia vivendo de forma muito direta com a cidade de Patos, esta Banda saberá tirar dessa urbe aquilo que de melhor poderá contribuir para suas atividades.

### 3 Considerações Finais

De acordo com o presente estudo, pode-se observar o surgimento das bandas de música na cidade de Patos, sua ligação com grupos políticos, alguns de seus incentivadores e de que forma as bandas atendiam a seus interesses.

Aqui, as bandas serviam de instrumento para que as elites políticas promovessem seus ideais e mostrassem a força de seus grupos, como ainda foram fortes influenciadores da formação de bandas, que após a inatividade de algumas restará apenas a 'Filarmônica 26 de Julho'.

Também foi possível perceber o desenvolvimento da cidade, que a partir de sua aquisição de aparelhos ícones do moderno, a banda fez dessas aquisições e das inaugurações, palcos de grandes eventos. Nesse instante, as bandas terão o papel de criar na população um sentimento não só de felicidade, mas de realização da urbe que está em sintonia com os centros mais evoluídos, em plena busca pelo progresso e bem-estar.

Quanto aos lazeres, e mais especificamente, a 'Festa da padroeira da Guia' ou 'Festa de Setembro', foi possível perceber o envolvimento da 'Filarmônica 26 de Julho', que ao mesmo tempo em que soube se apropriar dos distintos espaços oferecidos pela festa, enriquecendo a mesma culturalmente, contribuiu para reforçar as distinções sociais e as hierarquias da sociedade patoense.

Enfim, de maneira geral, pode-se entender um pouco da dialética que existia entre as Bandas e a cidade de Patos-PB, uma vez que ao analisar especificamente os lazeres, as sociabilidades, as inaugurações e as festividades, percebe-se que sendo composta por membros dessa sociedade e atuando em condições próprias locais, as bandas compuseram um cotidiano e incorporaram as mudanças dessa urbe.

Assim, mesmo diante da impossibilidade do esgotamento do tema, tive-se como pretensão elaborar uma pesquisa, que ao mesmo tempo em que sirva de ponto de discussão, possa contribuir para o enriquecimento da historiografia da cidade patoense, uma vez que ao trabalhar as bandas de música, tentou-se

<sup>18</sup> Fato ocorrido na confeitaria glória que ficava na cidade do Recife em Pernambuco.

<sup>19</sup> Segundo Bueno (1986, p. 490), o termo 'Filarmônica' sugere "sociedade musical; banda de música".

compreender as trocas existentes entre a cidade e as bandas e de que forma essas bandas serviram para mexer com ânimos e imaginário da cidade.

#### **4 Referências**

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 11 ed. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano - I** (Artes de fazer). 13 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FERNANDES, Flávio Sátiro. **Na rota do tempo: Datas, fatos e curiosidades da história de Patos**. João Pessoa: Impreel, 2003.

\_\_\_\_\_. **A festa de setembro** (romance) 2 ed. João Pessoa: Letras e Artes, 1996 .

FUNES - Fundação Ernani Sátiro. **Miguel Satyro: Cronologia**. Patos: FUNES, 2008.

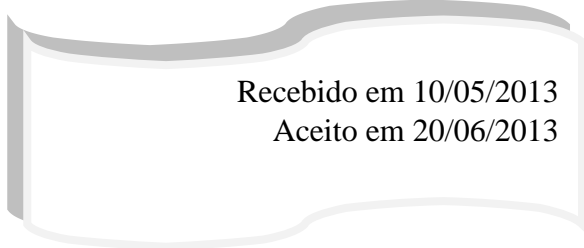
MEDEIROS, Geralda et al. **História de Patos**. João Pessoa: Grafset/Comissão do IV Centenário da Paraíba/Prefeitura Municipal de Patos/NDIHR/UFPB, 1985.

MELLO, José Octávio de Arruda. **História da Paraíba: lutas e resistência**. 2 ed. João Pessoa: EDUFPB, 1995.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: De Getúlio a Castello** (1930-64). Tradução Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOUSA, José Romildo de. **A história da 'Filarmônica 26 de Julho'**. Patos: Visão, 2001 (Coleção Historiografia I).

WANDERLEY, José Permínio. **Retalhos do sertão (memórias)**. Patos-PB: Fundação Ernani Sátiro, 1994.



Recebido em 10/05/2013  
Aceito em 20/06/2013